

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DE CINEMA
PAUL VECCHIALI, FAZER CINEMA NA DIAGONAL
11 e 24 de Fevereiro de 2025

L'ARCHIPEL DES AMOURS/1983

Um filme realizado por cineastas vários

Realização: Jean Claude Biette (episódio nº 7 "Pornoscopie"), Cécile Clairvel, Jacques Davila, Michael Delahaye, Jacques Fresnois, Gérard Frot-Coutaz, Jean-Claude Guignet, Marie-Claude Treilhou e Paul Vecchiali/ Argumento: autores vários/ Fotografia, Montagem, etc.: técnicos vários/ Interpretação: Christine Fersen, Micheline Presle, Françoise Fabian, etc. [lamentamos o facto de não termos tido acesso a uma ficha completa do filme].

Produção: Diagonale/ Cópia: Digital , cor, versão original falada em francês, com legendas eletrónicas em português / Duração: 102 minutos/ Inédito comercialmente em Portugal.

L'Archipel des Amours é uma colectânea de miniaturas cinematográficas, pelo que coloca uma série de problemas auto-evidentes relativamente à sua apreciação global enquanto obra de arte cinemática. Inserido como está no Ciclo Biette, é natural que o foco de interesse seja o sétimo episódio, que nos apresenta um esboço de narrativa altamente elíptico e difícil de compreender, onde a temática dos amores desencontrados e da bissexualidade assume uma importância considerável. Se "Pornoscopie" fosse o primeiro episódio de L'Archipel des Amours, seriam naturais da parte do espectador reacções de estranheza e de espanto; mas como os seis episódios anteriores são igualmente estranhos - sendo o sexto, em particular, com a sua insistência no tema dos parasitas genitais, particularmente repelente -, o espanto, quando chegamos a Biette, não é nada por aí além. Só nos espanta, com efeito, a nossa incapacidade de compreender onde é que o cineasta quer chegar com a sua "miniatura", mas aí o problema, muito possivelmente, não será nosso... A impressão que fica de "Pornoscopie" é que se trata de uma reflexão acerca da procura compulsiva de gratificação sexual e a incapacidade que tal busca acarreta de se sentir amor na acepção romântica do tema. As indagações pornoscópicas de Biette não poupam sensibilidades na sua determinação de não deixar de fora a referência aos pormenores mais íntimos (incluindo a consideração das proporções relativas de diferentes órgãos genitais masculinos), mas o conjunto (em parte devido ao carácter impressionista imposto pela

dimensão reduzida) acaba por funcionar de modo superficial, impossibilitando uma tomada de posição do espectador em relação à problemática levantada.

No respeitante aos demais episódios, a qualidade é variável. O primeiro, com a sua "história" pouco apetecível entre um travesti e um motorista de taxi (o mais violento do filme), será quando muito um esboço de um esboço: o fio narrativo é tão ténue e tão restrito que não chega a conclusão nenhuma, para além de faltar a perspetivação temporal retrospectiva que funciona tão bem em episódios como o terceiro, "Le Gouter de Josette", ou o último, "L'Hiver à Lourdes", onde o facto de os protagonistas serem casais de idade (logo a relação que mantêm um com o outro é o culminar de uma rotina de anos e anos) oferece a ilusão de que o episódio abarca muito mais material do que aquilo que estamos a ver à nossa frente.

Esta característica surge no segundo episódio, em que um dramaturgo tenta convencer uma atriz há muito retirada dos palcos a participar no elenco da sua nova peça. Descobrimos que a situação é uma repetição de outra que se passara dez anos antes, que a atriz é a grande paixão da vida do dramaturgo, e que o presente reencontro tem talvez mais probabilidades de sucesso do que o anterior. A técnica é assumidamente teatral, com o seu aproveitamento pouco imaginativo do espaço da loja, mas mesmo assim é talvez o episódio mais bem conseguido. Ou então é a comparação com o descalabro da maior parte das pequenas miniaturas que dá esta sensação... Seja como for, L'Archipel des Amours demonstra as limitações do género constituído pelo filme de episódios, sobretudo quando há uma conjuntura como esta em que o gosto e a imaginação cinematográficos deixam bastante a desejar.

Frederico Lourenço

Texto redigido em 1992, por ocasião da exibição do filme num ciclo dedicado a Jean-Claude Biette.